

TEORIAS DO APRENDER A APRENDER NA REDE MUNICIPAL DE ANÁPOLIS: AVANÇOS OU DESAVENÇAS?

Fabio Borges Neto*

Resumo: Fundamentadas nas teorias do “Aprender a Aprender”, a rede Municipal de Educação de Anápolis apoia seu aporte teórico em Piaget e Vigostki, segundo análise do Projeto Político Pedagógico Secretaria Municipal de Educação de Anápolis. Pretende-se com esse trabalho analisar o papel social da escola, especificamente, os anos finais do ensino fundamental, na formação das crianças e jovens. A proposta pedagógica difundida nas escolas públicas municipais de Anápolis estaria corroborando com a ideologia neoliberal ou promovendo aprendizagens significativas? Buscamos na literatura, autores como Newton Duarte, Demerval Saviani e outros, que discutem o papel das teorias baseadas no “Aprender a Aprender” que segundo os autores, na prática, muitas vezes não passa de tentativas ingênuas de legitimação de políticas educacionais voltadas para a política neoliberal.

Palavras-chave: Projeto Político Pedagógico. Ideologia. Pedagogia Histórico-Crítica.

Introdução

Com referências no Projeto Político Pedagógico (PPP), da Secretaria Municipal de Educação de Anápolis (SEMECT), percebe-se uma aproximação das teorias de Piaget com as teorias de Vygostky, a qual Duarte (2001) denomina de teoria do “Aprender a Aprender”, fundamentadas nas concepções pedagógicas inovadoras, progressistas. Autores como Newton Duarte, Demerval Saviani e outros, apontam para um papel ideológico com tendências à manutenção da hegemonia burguesa no sistema educacional.

“Aprender a Aprender”, segundo Duarte (2001), foi um lema defendido pelo movimento escolanovista que vem adquirindo novas roupagens, fundamentadas principalmente no campo da psicologia. O mesmo autor sugere uma (re)leitura com aproximação da teoria marxista da psicologia de Vygostky, na tentativa da construção de uma pedagogia crítica e historicizada.

Neste trabalho, analisaremos o PPP da SEMECT, no sentido de que este documento aponta para uma pedagogia associada ao universo ideológico neoliberal. Assim, trata-se de um estudo investigativo, de pesquisa bibliográfica, de fundamental relevância no que diz respeito à concepção pedagógica adotada pela SEMECT, refletindo assim, o papel social das escolas, especificamente, os anos finais do ensino fundamental.

* Professor especialista em Esporte Escolar à Distância – UNB, Brasília/Distrito Federal. E-mail: fabioc36@hotmail.com

Qualidade na Educação, Formação de Docentes e Pedagogia Histórico-Crítica

Pensar em qualidade na educação é pensar na formação de docentes com visão de mundo crítica e politizada, com uma proposta com embasamento teórico preocupado com os interesses das classes populares. Considerando os cursos de licenciatura, muitos, acabam transmitindo aos seus alunos o valor de saber acabado, ou seja, que esse profissional sairá pronto de um curso de licenciatura. Montagnini e Suanno (2011) ao se referirem sobre a formação docente, afirmam que é preciso repensar os cursos de graduação no sentido da formação de cidadãos e profissionais capazes de interferir cientificamente, cultural, política, técnica e socialmente na construção de uma sociedade justa e democrática. Libâneo (2011) discorrendo sobre alguns problemas da educação escolar diz que apesar dos avanços em relação à universalização do atendimento à população em idade escolar, contrasta com a falta de qualidade. E complementa que “as políticas têm sido centradas muito mais em reformas externas do que no provimento daquelas condições imprescindíveis à atuação nas escolas e salas de aula” (LIBÂNEO, 2011, p. 85).

Apontaremos a seguir o embasamento dos fundamentos da pedagogia histórico-crítica, na construção de um PPP, que pode subsidiar a prática pedagógica transformadora, não se pretende tratar tal pedagogia como método ou cartilha para a superação da realidade educacional, mas subsídios para uma educação que contribua na formação de cidadãos emancipados.

A pedagogia histórico-crítica localiza-se no corpus das pedagogias contra hegemônicas, de orientação socialista, organizadas no Brasil a partir da década de 1980. Essa teoria está fundamentada no materialismo histórico dialético e designa uma teoria pedagógica preocupada com os problemas educacionais decorrentes da exploração do homem pelo homem. Discute a natureza da educação é um trabalho não material (produtor de ideias, conceitos, valores, símbolos, princípios, etc.) e que sua especificidade refere-se a assegurar a cada indivíduo aquilo que a humanidade já se apropriou histórica e coletivamente. (SAVIANI, 2005, p. 10).

A Pedagogia Histórico-Crítica de Demerval Saviani é a concepção pedagógica que acreditamos ser mais compatível com essa fundamentação teórica e com o compromisso político. De modo que “a escola é, pois, compreendida a partir do desenvolvimento histórico da sociedade: assim compreendida, torna-se possível a sua articulação com a superação da sociedade vigente em direção a uma sociedade sem classes, a uma sociedade socialista”. (SAVIANI, 1997, p. 119).

Duarte (2001) diz que uma das diferenças entre a pedagogia histórico-crítica e as pedagogias adaptadas aos interesses burgueses é seu posicionamento político, onde as teorias do “Aprender a Aprender” retiram da escola a função da transmissão do conhecimento objetivo, tarefa que possibilita os alunos o acesso à verdade. “Enquanto a burguesia era revolucionária ela tinha interesse na verdade. Quando passa a ser conservadora, a verdade então a incomoda e choca-se aos seus interesses”. (DUARTE, 2001, p. 24). A contradição que perpassa a sociedade que vivemos e também o chão da escola, é que o desenvolvimento cada vez mais socializado das forças produtivas e a apropriação privada dos meios de produção e dos seus produtos (DUARTE, 2001). Considerando que o saber é o objeto específico da instituição escolar, sendo um meio de produção, ele também denota tal contradição.

Ao mesmo tempo em que o processo produtivo exige a elevação no nível intelectual dos trabalhadores, para acompanhar as mudanças tecnológicas, esse nível intelectual precisa ser limitado, evitando que o domínio do conhecimento possa se tornar um instrumento de luta de classes. Para se garantir uma relativa estabilidade econômica e política, a sociedade capitalista lança mão de agências sociais que amenizam os problemas sociais, como projetos na área da saúde e alimentação por exemplo. Mas, para que esse conhecimento seja difundido é necessário eliminar o analfabetismo. A classe dominante, através de um complexo processo de controle do conhecimento, em que permitam o controle ideológico e a manipulação do acesso ao saber sistematizado.

A perspectiva construtivista tem como finalidade pedagógica, contribuir para que o aluno desenvolva a capacidade de realizar aprendizagens significativas por si mesmo numa ampla gama de situações e circunstâncias, que o aluno “aprenda a aprender” (COLL, 1994). O próprio Piaget afirma nos seus estudos que “o ideal da educação é não aprender ao máximo, mas é antes de tudo aprender a aprender, é aprender a se desenvolver e aprender a continuar a se desenvolver depois da escola” (PIAGET, 1983, p. 225). As questões valorativas são claras na teoria de Piaget.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) defendem o Construtivismo, configurando numa série de princípios explicativos do desenvolvimento e da aprendizagem humana que se complementam, integrando um conjunto orientado a analisar, compreender e explicar os processos escolares de ensino e aprendizagem. (DUARTE, 2001). O autor ainda complementa que os princípios empregados na elaboração do marco explicativo são oriundos de correntes psicológicas, destacando a psicologia genética, a teoria sociointeracionista, e as explicações da atividade significativa, ou seja, Piaget, Vygostky e Ausubel. “A educação

básica tem assim a função de garantir condições para que o aluno construa instrumento para que o capacitem para um processo de educação permanente”. (BRASIL, 1997, p. 34). Ficando claro o discurso sobre a necessidade de formar um indivíduo capaz de constantemente readaptar-se ao mercado de trabalho.

Duarte (2001) defende em tirar a bandeira do “Aprender a Aprender” da burguesia e colocá-la nas mãos daqueles que estão comprometidos com a superação do capitalismo. As leituras neoliberais a cerca da teoria de Vygostky, segundo Duarte (2001) neutraliza o fortalecimento de uma concepção marxista, contribuindo para a hegemonia da classe dominante.

A educação, desde os anos iniciais, tem papel importante no desenvolvimento da expressividade da criança, porque por essa expressividade perpassa um desdobramento de fatores psicológicos, afetivos e sociais pode ser promovido. O professor, consciente das possibilidades da expressividade intelectual e afetiva da criança para narrar e produzir histórias sobre a realidade que percebe ou que imagina, pode criar um espaço simbólico importante para o desenvolvimento integral da criança, preparando bases para a formação.

Segundo Vygotsky (1991), a formação intelectual é um processo formal que continua um processo anterior de uso da expressividade da criança diante do mundo. Se a expressividade anterior ao aprendizado formal dos códigos linguísticos for estimulada e promovida, ganhos diretos sobre o domínio necessário não apenas para a aquisição da leitura e da escrita, mas para agir sobre o mundo por meio da linguagem, podem ser obtidos pelo professor na formação de cidadãos emancipados.

Projeto Político Pedagógico da Rede Municipal de Educação de Anápolis

Analisando o PPP da SEMECT, encontramos no corpo do texto que o mesmo foi fundamentado nas teorias de Piaget e Vygostky, numa perspectiva sociointeracionista, citando também referências nos PCN.

Para Duarte (2001), essas perspectivas cognitivas e socioculturais presentes nas obras de Piaget e Vygostky, respectivamente, parecem estar em conflito direto com os adeptos de cada uma reivindicando hegemonia para sua própria visão do que significa saber e aprender. Assim, os objetos focados pela teoria de Vygostky não são, os mesmo focados pela teoria de Piaget, pois representam discursos diferentes.

E, onde residiria a característica ideológica entre as teorias apresentadas? Duarte (2001) comenta que a teoria de Piaget, que é interacionista, representa modelo biologizante, já que foi construído a partir de conceitos como adaptação, equilíbrio, assimilação, acomodação e é claro interação entre organismo e meio, sujeito e objeto, sujeito e sujeito, ação e inteligência. Já a teoria de Vygostky não necessita ser complementada pelo construtivismo piagetiano para valorizar o caráter ativo do processo de apropriação, pelo indivíduo, da experiência sócio-histórica, pois esse caráter ativo está presente na dialética entre objetivação e aproximação. O mesmo autor afirma que

fixados esses pontos, nossa interpretação, é a de que a estratégia ideológica anteriormente caracterizada e que vem sendo largamente difundida visa a construir um ambiente de diluição dos antagonismos filosóficos, políticos, ideológicos, criando uma atitude pragmatista na qual o confronto entre teorias e autores é desvalorizado, facilitando, assim, a aceitação consensual e acrítica de propostas educacionais adequadas aos interesses esses traduzidos pelos ideários neoliberal e pós-moderno. (DUARTE, 2001, p. 146).

A importância da educação para a manutenção do capitalismo torna-se necessário, de acordo com Duarte (2001) oferecer uma educação que forme trabalhadores segundo os novos padrões de exploração do trabalho, limitando as expectativas dos trabalhadores em termo de socialização do conhecimento pela escola, difundindo a ideia de que o mais importante é desenvolver a capacidade de adaptação às mudanças do sistema produtivo. E complementa:

Assim, o discurso sobre a educação possui a importante tarefa de esconder as contradições do projeto neoliberal de sociedade, isto é, as contradições do capitalismo contemporâneo, transformando a superação de problemas sociais em uma questão de mentalidade individual que resultaria, em última instância, da educação. (DUARTE, 2001, p. 72).

A noção de adaptação constante é tema central dos ideários pedagógicos na atualidade, está na base do lema “Aprender a Aprender” e vem sendo difundida desde o início do século passado pelos escolanovistas. A educação nesse sentido se enquadra na mundialização do capital, apontada por Marx (1978), da universalização do valor de troca como a única mediação entre cada indivíduo e as atividades que realiza, provocando o esvaziamento completo do indivíduo. A educação vem sendo colocada nesse esvaziamento completo, na medida em que seu objetivo é tornar os indivíduos dispostos a aprender qualquer coisa, desde que seja útil sua adaptação à sociedade. E, complementa quando diz que da

mesma forma que o trabalhador dispõe apenas da sua força de trabalho, o educando deve ser reduzido a alguém que está disposto a aprender algo novo, pois seu único patrimônio é a capacidade de adaptação por meio da aprendizagem.

É nessa direção que caminham os que procuram uma possível complementaridade de Vygotsky e Piaget, como o PPP da rede municipal de Anápolis, por desempenhar um papel importante na adequação do discurso pedagógico às necessidades do processo de mundialização do capitalismo, pela sua vinculação a categoria de adaptação que ocupa lugar de destaque, tanto no discurso neoliberal como nas teorias epistemológicas, psicológicas e pedagógicas de cunho interacionista.

Considerações Finais

Corroborando com as ideias de Duarte (2001), é preciso fazer uma leitura marxista das obras de Vygotsky, sem complementação das grandiosíssimas obras de Piaget, de modo que haja rigor científico e metodológico. Assim, podem-se desenvolver trabalhos mais coerentes e consistentes entre os estudos sobre os vínculos entre Piaget e o ideário escolanovista, ao invés de buscar uma aproximação com Vygotsky. Políticas públicas voltadas para a educação devem garantir uma educação pública de qualidade, de modo que gestores envolvidos no processo educacional precisam pensar uma universalização da Educação Infantil e do Ensino Fundamental e Médio. Para tanto, são necessárias propostas pedagógicas coerentes e comprometidas com a humanização dos educandos, fundamentadas em teorias epistemológicas preocupadas com a transformação da sociedade e com a formação do indivíduo autônomo e emancipado.

Defendemos aqui uma pedagogia crítica e historicizada, assim como as obras de Demerval Saviani e até mesmo de Vygotsky, com uma releitura marxista, caso contrário, qualquer tentativa de ações educativas não passará de tentativas ingênuas voltadas para a legitimação de políticas educacionais alinhadas ao projeto político neoliberal. Analisando o PPP da rede municipal de Anápolis, percebe-se incoerência pedagógica, de modo que (re)afirma as teorias do “Aprender a Aprender”, citada por Duarte (2001).

Rer ler as obras de Vygotsky, numa visão marxista, segundo Duarte (2001) é estar comprometido com a transformação desta sociedade, para que nos tornemos mais críticos em relação às formas de alienação às quais estão submetidos como indivíduos que vivem e trabalham nesta sociedade e às quais também estão submetidos os alunos da rede pública.

Referências Bibliográficas

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: introdução. Brasília: MEC/SEE, 1997.

COLL, C. S. **Aprendizagem Escolar e Construção do Conhecimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

DUARTE, N. **Vigostki e o “Aprender a Aprender”**: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigostkiana. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

LIBÂNEO, José C. Escola Pública Brasileira: um sonho frustrado: falharam as escolas ou as políticas educacionais? *In*: LIBÂNEO, José Carlos; SUANNO, Marilza Vanessa Rosa. (Orgs.). **Didática e Escola em uma Sociedade Complexa**. Goiânia: CEPED, 2011, p. 75-95.

MARX, K. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção “Os Pensadores”).

MONTAGNINI, Marilza Luzia; SUANNO, Marilza Vanessa Rosa. Formação Pedagógica de Professores Universitários: ressignificação da atuação docente. LIBÂNEO, José Carlos; SUANNO, Marilza Vanessa Rosa. (Orgs.). **Didática e Escola em uma Sociedade Complexa**. Goiânia: CEPED, 2011, p. 75-95.

PIAGET, J. **Problemas de Psicologia Genética**. São Paulo: Abril Cultural, 1983 (Coleção “Os Pensadores”).

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico Crítica**: primeiras aproximações. 6. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1997.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.